

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

ACM

• Um sério problema político brotou nessa crise de desfecho imprevisível, pois sujeita a fatores externos. Fracassaram todas as tentativas de contornar a resistência do senador Antônio Carlos Magalhães ao aumento do imposto de renda-pessoa física. O problema só não se agravou ontem porque ACM preferiu não entender como indireta a frase de FH que qualquer um tomaria como tal. No PSDB, uma pergunta: onde ACM quer chegar?

— Eu só quero poder andar nas ruas — diz ACM, com os olhos faiscando, quando perguntamos se vai mesmo até o fim com sua objeção. Sim, não vai recuar nesse ponto, mesmo que não surja alternativa. Mesmo que termine derrotado. A fala do presidente?

— Eu já disse, ele não diria isso de mim, porque me tem respeito — repete.

Mas só ao vivo percebe-se na entonação a fagulha do conflito. Disse o presidente que os críticos do pacote falam como se fosse em nome do povo, "mas não estão pensando no bolso do povo, é no deles, dos que mais têm". Temer, um frade diante do belicoso senador, ligou para o presidente perguntando se era uma carapuça. Não, não era com eles, o contexto era outro, explicou FH. Mais tarde, quando os três se encontraram, ACM propôs um aumento da alíquota de importação de supérfluos. FH ficou de estudar. Mas ele fez o mesmo quando foi sugerida a troca pela CPMF, diz um deputado próximo de ACM.

Nas últimas horas, o Governo acionou vários bombeiros na tentativa de convencer o senador. Por fim, apelou-se para seu filho Luís Eduardo, líder

do Governo na Câmara. Ele articulou o almoço de ACM com o secretário-executivo da Fazenda, Pedro Parente. Depois do café, a resistência de ACM ao aumento do imposto estava do mesmo tamanho.

Mas onde ele quer chegar com isso?, perguntam-se tuanos e outras aves, avisando que dessa vez ele não ganhará. Aham que, como eles, o senador deveria entender que qualquer concessão no teor do pacote reduziria seu impacto, aumentando a vulnerabilidade do país. Para ACM, o que importa é a conta fechar em R\$ 20 bilhões. Nas conversas sobre onde ACM quer chegar, brota a leitura conspiratória: talvez esteja demarcando um campo de divergência que lhe dará, se o barco de FH fizer água, a travessia para uma aliança com Maluf. Quem sabe, recobrou a esperança de ser ele próprio uma alternativa.

Especular é do livre pensar. Mas ACM poderia lembrar outras divergências com o Governo, nestes três anos. Ademais, o aumento do imposto tem sua dose de estupidez. FH ficará com o ônus e dará 47% do bônus para os estados e municípios. ACM e Temer não querem sociedade nisso.